



**O SETOR ATACADISTA NA ECONOMIA DE ALAGOAS:  
INSERÇÃO DAS EMPRESAS DO AGRESTE NO ESTADO E NA REGIÃO  
NORDESTE**

Wanderlan de Araújo Oliveira<sup>174</sup>  
Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Marta da Silveira Luedemann<sup>175</sup>

**RESUMO**

O trabalho tem como objeto de pesquisa as empresas atacadistas e distribuidoras de Alagoas, com destaque para as maiores empresas concentradas no município de Arapiraca, centro do Agreste. Trata-se, então, da dinâmica e inserção dessas empresas, no estado e no Nordeste, considerando que estão estrategicamente instaladas para operações territoriais entre as sub-regiões de Alagoas. Nesse contexto, a análise da formação socioespacial do Agreste, permitiu compreender a formação do município de Arapiraca, em meio a diversidade agrícola da zona de transição entre a zona da mata e o sertão. Em se tratando do setor atacadista, a apreciação do balanço dessas empresas em Alagoas e no Nordeste revelou um crescimento anual acima da taxa média nacional das últimas décadas. Posto isso, a presente pesquisa buscou analisar o papel das maiores empresas de Alagoas, tratando da origem, evolução do desempenho e atuação no espaço, concluindo que vem ocorrendo o crescimento desses grupos econômicos, bem como investimentos diversos, a partir da atividade principal como atacadista distribuidor.

**PALAVRAS-CHAVE:** Atacadistas Distribuidoras; Agreste Alagoano; Empresas de Alagoas.

---

<sup>174</sup> Mestrando no Programa de Pós-graduação de Geografia da Universidade Federal de Alagoas. Membro do Núcleo de Pesquisa e Extensão em Estudos Agrários e Regionais – NEAR (UNEAL). Membro do Laboratório de Estudos Socioespaciais do Nordeste – LENE (UFAL). Professor da Educação Básica (Ensino Médio) na Rede Pública Estadual de Alagoas. E-mail: wanderlan.oliveira@igdema.ufal.br

<sup>175</sup> Professora/Orientadora do Programa de Pós-graduação de Geografia da Universidade Federal de Alagoas. Coordenadora Laboratório de Estudos Socioespaciais do Nordeste – LENE (UFAL). E-mail: martaluedemann@igdema.ufal.br



## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O trabalho analisa o comércio atacadista de Alagoas, a partir de um dos dois polos de distribuição do estado, o município de Arapiraca, localizado no Agreste do estado. Considerando que, a partir do início deste século, Arapiraca, conta com as maiores empresas do ramo atacadista distribuidor de Alagoas, estas têm expandido as atividades para outros estados do Nordeste, como se nota a instalação de filiais em Sergipe, Pernambuco e na expansão de raios de atuações das empresas instaladas em Alagoas que ultrapassam as divisas dos estados vizinhos.

Esta pesquisa iniciou-se a partir do TCC no curso de graduação em Geografia da Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL), tratando especificamente das empresas atacadistas de Arapiraca. No âmbito atual, a pesquisa está se desenvolvendo no mestrado do PPGG/UFAL, sendo atualmente ampliada para análise do setor atacadista distribuidor na escala estadual e do Nordeste. Assim, objetiva-se entender como surgem e crescem as empresas atacadistas distribuidoras, a partir da formação econômica do agreste alagoano. Com atenção para o município de Arapiraca, onde a produção de fumo promoveu forte crescimento econômico, até a sua crise no final do século XX. Porém, o elevado crescimento urbano continuou durante essa segunda metade do século e prossegue nas primeiras décadas do século XXI, visto que a diversificação das atividades econômicas conseguiu superar a decadência do fumo e manter a cidade como polo de atração populacional, o que transformou Arapiraca na segunda maior cidade do estado, atrás apenas da capital Maceió.

O comércio atacadista e distribuidor teve sua expansão no Brasil com a estabilização monetária e a abertura da economia, assim, um maior volume de produtos e fluidez de marcas de empresas multinacionais, bem como uma expansão social e territorial do consumo com as políticas de transferência de renda a partir dos governos populares (Xavier, 2009; Xavier e Castillo, 2011). No nordeste, se formaram polos de distribuição atacadistas entre as capitais de estados e nas cidades regionais, com destaques para as empresas especializadas em itens de mercearia básica (Xavier, 2009).

Nesse sentido, entender e analisar Alagoas nesse processo se dá mediante à forma que a inserção de suas empresas de capital local e de destaques regional sempre tiveram desde o período mencionado, sendo quase a totalidade das empresas alagoanas localizadas em Maceió e Arapiraca. Os empreendimentos atacadistas competem em

rankings anuais de arrecadação, modernização de seus espaços e estruturas físicas, bem como as frotas de transportes próprios e ainda na expansão de seus grupos com investimentos também em outros setores e negócios.

A pesquisa caracteriza-se por procedimentos metodológicos e técnicos de levantamento bibliográfico, de obras clássicas sobre o Nordeste brasileiro como Freyre (2004), Andrade (2011), Melo (1980), Menezes (2018), obras sobre a formação de Alagoas como Carvalho (2015) e Almeida (2018) e leituras e análises das subdivisões do agreste e sertão de Alagoas, com importantes trabalhos de autoras como Barbosa (1982) e Ferrari (1985).

O Aporte teórico é guiado pelas categorias de Formação Socioespacial (Santos, 1977), para qual a visão geográfica se dá pela totalidade espacial da formação do território nacional, bem como suas características e transformações de diferenças regionais integradas no território nacional como os casos do Sudeste e do Nordeste (Mamigoniam, 2009).

As empresas atacadistas no Brasil são uma manifestação da organização das desigualdades territoriais da divisão (inter)nacional do trabalho, dessa forma, se evidenciou a necessidade de entender essa manifestação da produção e do comércio a partir da teoria dos dois circuitos da economia urbana (Santos, 2004).

O autor trata do atacadista distribuidor como um elemento componente do circuito superior conforme a teoria dos dois circuitos da economia urbana, por outro lado, é o principal elemento atuante no circuito inferior, o caráter intermediário entre os dois circuitos:

Os atacadistas e transportadores tem atividades do tipo misto, pelo fato de sua dupla ligação. Ambos têm laços funcionais tanto com o circuito superior como com o circuito inferior da economia urbana e regional. O atacadista está no topo de uma cadeia decrescente de intermediários, que chega frequentemente ao nível do “feirante” ou do simples vendedor ambulante. Através desses intermediários e pelo crédito, o atacadista leva um grande número de produtos aos níveis mais inferiores da atividade comercial e fabril e, assim, a uma gama extensa de consumidores. O volume global dos negócios que realiza no circuito inferior dá a dimensão de seus negócios bancários e também de sua de participação no circuito superior. Elemento integrante do circuito superior, o atacadista é também o cume do circuito inferior (Santos, 2004, p. 41).

A tarefa metodológica da pesquisa conta também levantamentos de dados em sites privados (das empresas e órgãos representativos destas), sites e plataformas



governamentais, portais jornalísticos locais e regionais e uma visita técnica na empresa Asa Branca Distribuidora, com observação, entrevistas e diálogos com os principais setores da distribuidora de atuação logística, comercial e territorial.

Portanto, o artigo sistematiza-se em duas seções conforme se segue, uma primeira parte da formação social condicionante para o destaque das empresas no interior de Alagoas e uma segunda seção referente ao próprio setor atacadista no Brasil, Nordeste e detalhes as principais empresas em Alagoas.

## **A FORMAÇÃO SOCIOESPACIAL DO AGRESTE NORDESTINO: UMA LEITURA DO TERRITÓRIO ALAGOANO**

Para ir além de uma leitura do Nordeste açucareiro, cabe destacar que essa região quando fez parte de Pernambuco, como região sul da capitania até 1706 e, posteriormente, na condição de comarca, Alagoas já demarcava suas características geográficas e econômicas para viabilizar a sua autonomia política. Em virtude de uma população crescente e baseada na economia açucareira, em expansão, pouco mais de um século depois, já na condição de comarca, Alagoas obteve a sua autonomia de Pernambuco apenas no ano de 1817, entrando na condição de Capitania independente, com diversidades sub-regionais em seu território.

Esse território foi economicamente fomentado por uma revalorização do mercado do açúcar, ainda com forte introdução do algodão, da pecuária e de outras agriculturas de subsistência e de abastecimento interno do seu território. Em termos geográficos, se evidenciava espacialidades sub-regionais dentro do território e assim se faz necessário uma releitura da formação socioespacial desse recorte do Nordeste.

Em uma das principais de suas obras, a mais geográfica delas, Freyre ([1937] 2004) na obra “Nordeste” já apontava diferenças regionais, mesmo dentro do Nordeste, mas destacando o recorte mais economicamente importante, a zona canavieira em todo os seus elementos naturais e sociais de formação regional. Partindo também das diferenças regionais e do reconhecimento das diferenças territoriais do Nordeste,



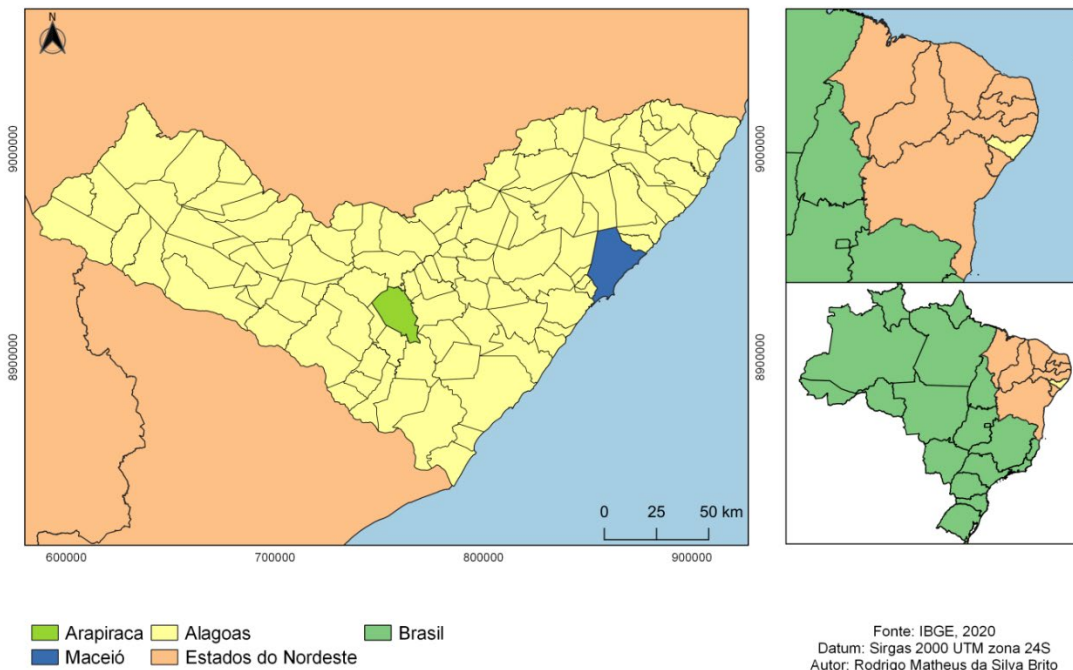
Menezes ([1937] 2018) destaca “O Outro Nordeste”, justamente a sub-região semiárida, do gado, do algodão e de outras culturas mais diversas e paralelas às extensões de cana-de-açúcar e de uma formação social diferente da casa grande, da senzala e da cana.

Já na zona de transição, entre a parte úmida e a semiárida fica o Agreste, localizado quase inteiramente sobre a Borborema “apesar de próximo a área açucareira e de dispor de condições climáticas e pastagens favoráveis ao desenvolvimento da pecuária, foi tardiamente povoado [...]” (Andrade, 2011, p. 152). Nessa sub-região e em suas proximidades, também no território hoje alagoano, o algodão teve como trunfo entre trabalhadores e produtores de fazendas a conciliação com algumas ou várias outras plantações “permitindo o trinômio algodão, pecuária e culturas alimentares que perdurou até a segunda metade do século XX” (Carvalho, 2015, p. 211).

O atual estado de Alagoas é inserido nas sobrevidas das estruturas e culturas tradicionais no Nordeste brasileiro, com pequenas diferenças internas entre as suas sub-regiões econômicas. Com maior destaque historicamente houve uma formação com a marcha do capital açucareiro mais ao leste (zona da mata), contexto político e econômico do qual surgiu Maceió, ainda na primeira metade do século XIX, duas décadas após a autonomia política de Alagoas.

Enquanto outras atividades, de raízes também coloniais foram desenvolvidas com maiores importância e evidência nos recortes onde ficam localidades do agreste (semiúmido) e ao sertão (semiárido), conforme diferencia Melo (1980). Entre as atividades desenvolvidas estavam presentes desde a introdução colonizadora na zona da mata, mesmo com o domínio da cana-de-açúcar, as culturas do algodão, da pecuária, da agricultura de subsistência e do próprio fumo, este último presença desde o período colonial, mas esta cultura teve um maior destaque no século XX no centro de Alagoas.

MAPA 01 – Localização de Arapiraca e de Maceió – AL



Oliveira (2008) no período da Colônia, “regiões” dentro do que hoje é o Nordeste, com amplitudes muito mais restritas: sobretudo no que corresponde hoje aos estados de Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Alagoas, a “região” era reconhecível como o lócus da produção açucareira [...].”

Santos (1993), ao tratar da ideia de regionalização, antes da infraestrutura de rodovias, cita ainda os arquipélagos regionais dentro da colonização, assim como também as diferenciações nacional comportando as outras matrizes de transportes que deram o impulso necessário para a integração nacional.

Nessas diferenças, Oliveira (2008) relembra a hegemonia comercial de Recife sobre a maior parte do território entorno, que hoje são os estados vizinhos do Nordeste. Dessa forma, os movimentos separatistas que vieram a ocorrer “encontrava suas bases sociais reais na diferença de interesses e na diferença entre as várias formas do capital na esfera da produção e circulação” (ibidem, p. 156).

Ainda para o autor o nordeste açucareiro foi depois excluído dos circuitos de produção das regiões cafeeiras, assim segundo o autor (ibidem. p. 158-159) “um outro nordeste emergia gradualmente, submetido e reiterado pelas mesmas leis de determinação de sua relação com o capital internacional: o Nordeste algodoeiro-pecuário”.

Porém, para Mamigoniam (2009), com a revolução nacionalista de 1930, não há um afastamento dos circuitos da economia nacional, pelo contrário, ocorreu uma nova inserção de relações que fortaleceram as oligarquias emergentes em detrimento dos cafeeiros no sudeste e dos açucareiros no nordeste.

Assim sendo, paralelamente as duas regiões tradicionais de agricultura comercial de exportação, a zona açucareira de Pernambuco e Alagoas e a zona do cacau na Bahia, foram se desenvolvendo outras áreas de agricultura comercial, voltadas à exportações, mas também ao mercado nacional. O fumo em Arapiraca (Alagoas) se expandiu, bem como laranja na Bahia e Sergipe, feijão em Irecê (Bahia) e mais recentemente, café em Vitória da Conquista, soja no oeste da Bahia, sul do Maranhão e Piauí, frutas tropicais (mangas, melão, etc.) para exportação e mercado interno nas várzeas irrigadas do rio São Francisco, Rio Grande do Norte e de outros estados [...] (ibidem, p. 7-8).

Em Alagoas, nota-se historicamente que Maceió e Arapiraca destacam-se dentro de um processo de produções agrícolas regionais, pois, ambas surgem em séculos mais recentes, século XIX e século XX, respectivamente, sucedendo outras localidades que tinham destaques nos gêneros agrícolas em séculos anteriores.

A marca inicial do açúcar são os engenhos plantados em nossa primeira fase econômica, abrindo o que vamos chamar de grande economia de Alagoas ou a voltada para a exportação, calcada, especialmente, no açúcar e no algodão, após a segunda metade do século XVIII. As duas grandes mercadorias agrícolas que tinham peso efetivo na composição da receita eram essas. Uma outra seria o couro, derivado da pecuária, a ter uma terceira posição, distante das duas que mencionamos. (Almeida, 2018, p. 89).

Uma localidade com destaque anterior à segunda metade do século XX maior que Arapiraca, trata-se do papel desempenhado anteriormente por Palmeira dos Índios (cidades vizinhas no Agreste) marcada por sua formação mais ligada a pecuária e aos latifúndios do gado, bem como posteriormente ao fortalecimento da agricultura e aos anos de ouro do algodão, que fez mesmo acontecer um estímulo a modernização com a construção de uma linha férrea levando gêneros agrícolas entre vales e atravessando essas regiões de Alagoas (Corrêa, 1992).

Quanto ao início da pecuária, coexistente, do princípio, com a cana-de-açúcar (Andrade, 2011) no seu processo de interiorização, Carvalho (2015) destaca o importante papel que essa teve como um complemento da colonização na formação de Alagoas. Numa primeira fase, esta atividade tendo trazido como ponto principal a criação da

pecuária bovina no sistema produtivo dos engenhos, fornecendo assim tração animal das moendas, além do transporte de cana através do carro de boi e a carne e o leite para os mantimentos alimentícios.

Num segundo momento, o gado teve que se afastar dos engenhos e se mover em direção ao interior e se afastando mais do litoral, assim inicia-se um movimento de interiorização que serve pra entender o contexto de onde se inseria a colonização canavieira e se diferenciado por distanciamentos e diferenças nos espaços que viriam se tornar a partir de características físicas e humanas, com diferenças regionais.

Na terceira etapa, a pecuária se expandiu pelo agreste e sertão, separando-se por completo do engenho, posto que a ultraespecialização na área de açúcar e a necessidade de grandes espaços separaram as duas atividades. A criação, além do papel econômico, tinha a função de povoamento do território distante do litoral. O gado crioulo, de pequeno porte e peso, criado solto em campo aberto, foram se adaptando aos novos ambientes. No agreste, a pecuária contava com pastos e água menos abundantes (Carvalho, 2015, p. 119).

Ferrari (1985), destaca ainda que essa atividade inicialmente desenvolvida no agreste e sertão alagoano, essa tenha sido a única forma de ocupação dos espaços dessa região, sendo esta acompanhada de uma agricultura de subsistência e posteriormente da presença do algodão pelos fins do século XVIII. Configuração esta que permitiu segundo em outra análise histórica (Ferrari, 1985) um nível de vida mais elevado para os pobres do agreste em comparação com os pobres da zona da mata.

O açúcar não para de desenvolver-se com a entrada do algodão; mesmo em sua área de alta densidade de plantio, a cana-de-açúcar não ocupava a propriedade. Havia disponibilidade de terra nos engenhos, terra que jamais seria ocupada com cana, em virtude dos custos de produção (Almeida, 2018, p. 94).

Já com a interiorização consolidada ou em forte expansão, Carvalho (2015) em sua leitura histórico-econômica de Alagoas aponta que enquanto a cana-de-açúcar era a cultura de interesse e de prestígio do rico proprietário rural, enquanto mais ao interior, o algodão, o milho, o feijão, o arroz, a mandioca ficavam por conta dos pobres, isso ainda no processo da colonização.

Como o Agreste tem seu relevo movimentado e os brejos são frequentes, as propriedades dispunham quase sempre de amplas extensões aplainadas propícias a criação, onde se desenvolviam a milhã, o capim de cheiro e o mimoso, e possuíam também algumas áreas úmidas de brejo onde se faziam, desde os primeiros tempos, culturas de subsistência; dispunham ainda de água no leito dos rios durante a

estação chuvosa, ou em cacimbas neles escavadas durante as estações secas. Formavam, assim, estabelecimentos com economia própria que se auto-abasteciam, pois era uma área onde devido a movimentação do relevo, se tornava difícil abastecer-se com produtos de outra região (Andrade, 2011, p. 153).

O autor ainda destaca que no agreste os agregados de fazendeiros se instalavam e se tornaram muitas vezes foreiros, agricultores e reideiros, que abasteciam o Agreste de gêneros alimentícios e, quando a cultura e o comércio do algodão abriram condições, passaram a fornecê-los também a Mata e ao Sertão.

Nesse contexto regional, o fumo também sempre foi presente em Alagoas, conhecido das tribos indígenas onde era utilizado com fins mágico-religiosos e medicinal, exportado do Brasil desde o período colonial junto com a aguardente para as trocas do comércio escravo africano.

O fumo apareceu muito cedo na formação de Alagoas, como produção destacada aparecendo já na consolidação das primeiras povoações, em Porto Calvo e em Penedo, se destacando pela qualidade e no preço (Antonil, 1923 apud Moraes, 2012), ou seja, bem antes do período que é apresentado o surgimento desse produto em Arapiraca.

Nesse contexto, das duas velhas cidades alagoanas, o fumo aparece associado à pecuária, esta que servia de base para a necessidade dos engenhos e da fumicultura, fornecendo para esta última os animais que transportavam a produção de fumo para a exportação.

No período holandês a produção do fumo foi desestimulada na Capitania de Pernambuco, assim formou-se sem restrições grandes centros produtores na Bahia, então, depois da recuperação em outros períodos a relação com os baianos seria inevitável formas de relações com a Bahia.

No século XVIII com o desenvolvimento do ato de fumar na Europa, houve uma maior demanda do produto no Brasil, mesmo com um declínio deste ao final desse mesmo século, abriu-se espaço para a produção de algodão nas lavouras dos pobres.

Durante todo o século XIX, Alagoas continuou plantando e exportando pequenas quantidades de tabaco. No entanto, a região fumageira instalada no agreste alagoano, cujo centro é a localidade de Arapiraca, é de origem recente. Com suas enormes vantagens em matéria de solo, clima e altitude, o município começou a plantar em pequena escala nos anos de 1920, disparando sua produção ao final da II guerra mundial, quando se conecta

com as empresas de comercialização da Bahia, principal centro-exportador brasileiro, e passou a receber financiamento de bancos estatais (Carvalho, 2015, p. 133).

O autor destaca ainda que essa planta sempre teve a característica de ser cultivada em pequenos e médios proprietários de terras, em conjunto também com outras como o milho, a mandioca e o feijão, nas mesmas plantações.

Séculos mais tarde esse fumo vem destacar Arapiraca de vez, um dos principais elementos do erguimento de uma cidade no agreste e com o seu declínio já deixando um centro urbano-regional formado.

Ao tratar das regiões fumicultoras, Andrade (2011) destaca que estas ocupavam extensas manchas em terras arenosas no Agreste nordestino, entre os municípios de destaque nessa cultura o autor cita Bananeiras (Paraíba), Gravatá (Pernambuco), Lagarto (em Sergipe) e Arapiraca em Alagoas, com destaque para a produção alagoana, geralmente feita em pequenas propriedades de até 200 hectares.

Barbosa (1982), trata da ocupação de Arapiraca (quando ainda pertencia ao município de Limoeiro de Anadia) nos fins do século XIX, de início, a agricultura de alguns produtos regionais desenvolveram as primeiras relações de produção, sobretudo, a mandioca e seus derivados, “embora já viesse sendo introduzida à plantação de fumo nos currais de gado” (ibidem, p. 40).

Ainda conforme a autora, em 1924 quando houve a emancipação política de Arapiraca, a plantação de fumo já tomava conta das plantações do local. Ressalta-se outro fator fundamental, Ferrari (1985) aponta que existia a feira semanal, durante as segundas-feiras, fato que pode ter levado as primeiras sementes de fumo de procedência baiana para Arapiraca.

O crescimento urbano de Arapiraca se constituiu de um modo diferencial dentro do contexto da vida urbana alagoana. A produção agrícola inicial, incluindo o fumo, predominando a mandioca e seus derivados como a farinha, impulsionou numa perspectiva histórica apenas o desenvolvimento local e a gênese da cidade que só recentemente, em um escala de tempo emergencial da evolução urbana, se tornou o segundo maior centro urbano de Alagoas.

Esse cenário inicial introduziu condicionantes históricas para Arapiraca, desde o período de indícios da formação, o contexto alagoano nessa época já apresentava a zona da mata pautada na monocultura da cana de açúcar, então as agriculturas de subsistência se estabeleciam no agreste. Mas de fato, mesmo havendo outras formas de agricultura de

subsistência, Arapiraca se especializou no plantio do fumo, diante de três condições que se apresentavam: a predominância de pequenas tarefas de terras, por isso inclui-se também a mão de obra familiar e o valor agregado do produto que assegurava esse mercado com importância de impulso regional.

#### Quadro 01 – Resumo dos estágios do fumo na formação de Arapiraca

Estágios	Características
<b>1º Estágio: do fim do século XX até 1922</b>	Processos primitivos do plantio do fumo: o “curral” e o cultivo nos “baixios”, aliado a uma agricultura de subsistência, com uma débil comercialização do excedente;
<b>2º Estágio: de 1922 até 1950</b>	O fumo adquire caráter comercial: o plantio é transferido para as “chãs” utilizando-se a adubação orgânica; criação dos instrumentos para beneficiar o fumo em corda; início da comercialização da “folha” do fumo;
<b>3º Estágio: de 1950 até 1970</b>	Expansão da área fumageira, com a introdução da adubação química; alteram-se as relações de trabalho: assalariados, diaristas e bóias-frias; introdução de mecanismos de “ajuda” à agricultura através do FUNRURAL e do INCRA; expansão da “industrialização” do fumo em corda fino; crescimento da população, instalação de bancos e ampliação do comércio.
<b>4º Estágio: de 1970 em diante</b>	Tendência ao abandono da “monocultura” fumageira, pois os novos investimentos destinam-se a pecuária e atividades urbanas; remanejam-se as formas de utilizar o capital, sem que se remaneje a sua posse e propriedade; redefinem-se as funções urbanas de Arapiraca.

Fonte: Ferrari (1985, p. 23).

Com o declínio do fumo, Arapiraca se consolidou como potência urbana do interior de Alagoas, houve redirecionamentos dos capitais do fumo para os setores produtivos e comerciais, bem como prestação de serviços dos mais diversos setores modernos, como os bancos, indústrias, varejos e um setor atacadista iniciante e crescente a partir de armazéns e com distribuição limitada na região.

Sobre a gênese das empresas atacadistas de Alagoas, não se encontram análises em trabalhos específicos sobre as empresas existentes, entretanto, alguns apontamentos são dados em outras discussões urbanas e regionais em relevantes trabalhos.

Os atacadistas estiveram sob na análise de Onorina Ferrari (1985), por sua vez, a autora fez uma breve análise descritiva do setor em Arapiraca e deixou ainda algumas perspectivas urbanas e econômicas da década de 1970/1980, um diagnóstico da época referente ao comércio atacadista de Arapiraca no contexto urbano e regional.

A autora enxergou a atividade expressada pelo próprio crescimento da cidade, um dos elementos da urbanização, destacando como a atividade que afirmava Arapiraca regionalmente, pela circulação e relação mais ativa entre as atividades, com outras

cidades vizinhas. Esse comércio tornava Arapiraca um centro intermediário entre o capital produtivo, geralmente de fora de Alagoas e seu capital comercial.

Em 1975, tinham 328 pessoas empregadas em 35 estabelecimentos atacadistas, empresas que tinham um crescimento paralelo ao comércio varejista moderno, no entanto, teve que redirecionar sua atuação para os pequenos varejistas, em razão da concorrência, como diferencial buscavam negócios com os municípios menos equipados da região. A circulação atingia no máximo 32 municípios (área reduzida), enquanto o varejo tinha maior amplitude de circulações.

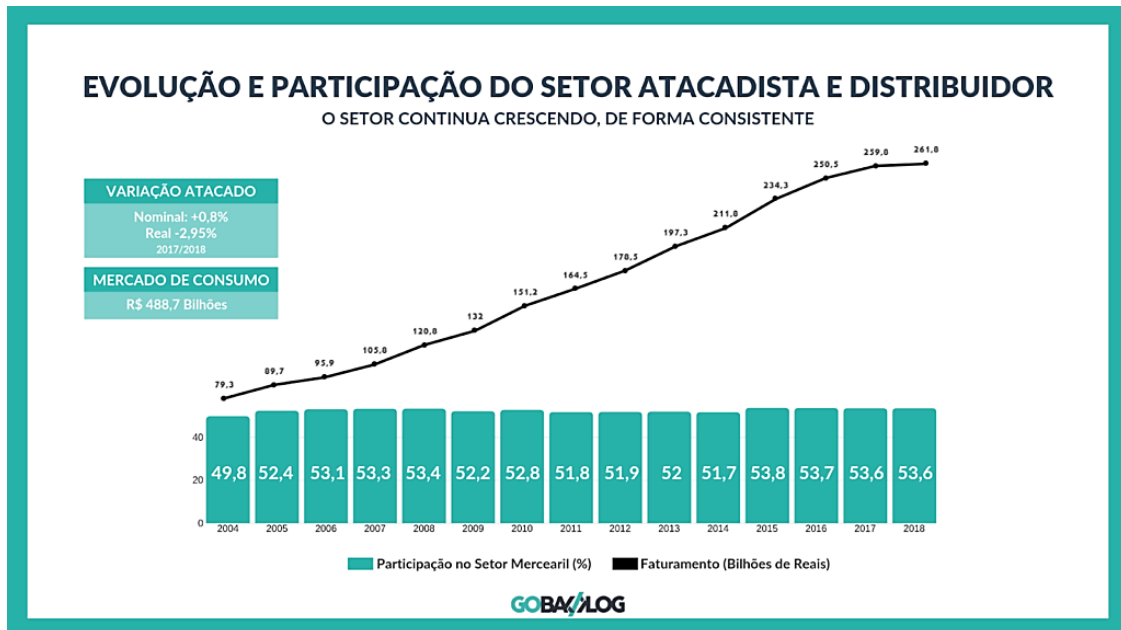
Acrescenta-se ainda, que este comércio atacadista embora com destaque na década de 1960, tivesse um desempenho menor que outras funções e atividades urbanas, como a industrial e mesmo outras ramificações comerciais como o amplo comércio varejista da cidade, na verdade, em três décadas (de 1950 a 1970) o comércio de Arapiraca como um todo, teve um crescimento excepcional junto com o boom de população, juntamente os atacadistas entre 1960 e 1970, cresceram, em arrecadação, mais de 800% em Arapiraca (FERRARI, 1985).

### **CIRCUITOS DO COMÉRCIO ATACADISTA DISTRIBUIDOR: AS EMPRESAS DE ALAGOAS**

Atualmente, o setor atacadista é o mais crescente em Alagoas, sobretudo, quando se trata de empresas de capitais locais. Segundo dados do panorama do setor em 2023 (ACADEAL, 2024), foram mais de 10 bilhões em arrecadação, desse montante (48,3%), quase 5 bilhões foram arrecadas por empresas de Maceió e Arapiraca (41,2%) com mais de 4 bilhões e 300 mil em faturamento.

Todavia, antes de tratar diretamente de maiores detalhes do setor em Alagoas, cabe um breve panorama do setor de modo geral no país para se partir da perspectiva de sua totalidade na atual economia brasileira, como se nota no gráfico 01.

Gráfico 01 – Crescimento do setor atacadista no Brasil (2004 - 2018)



Fonte: Ranking ABAD/Nielsen (2019).

De acordo com Xavier (2009) há dois fatores em curso que vem transformando a características dos atacadistas, primeiro o aprimoramento de novas tecnologias na estocagem e na logística das empresas, e segundo a adoção do método *just in time* no processo de distribuição, então tem-se a exigência de fluxos cada vez mais dinâmicos para atender esses varejistas localizados nos diversos pontos do território.

Bem como os próprios industriais, os donos e produtores das marcas dos produtos que circulam de diferentes formas até o consumidor, se adaptaram fazendo estudos de mercado mesmo ao nível regional, para ganhar a clientela, para ganhar das marcas concorrentes (exemplo: Danone x Nestlé, disputando a hegemonia do gosto do brasileiro), “vender mais e mais barato num período em que a população de baixa renda aumenta sua participação no consumo passa a ser uma condição de sobrevivência [...]” (ibidem, p. 74).

O escoamento desses produtos das marcas se chega obviamente ao varejo, segundo dados trazidos pelo autor, o varejo tradicional junto com o pequeno varejo (sem redes e filiais: os independentes) representavam 99% dos estabelecimentos no Brasil (em 2002), com mais de 340 mil estabelecimentos desses dois segmentos do circuito inferior, enquanto, os varejos modernos ou atacados de autosserviço (que trabalhavam em cadeia) eram apenas pouco menos de 3 mil pontos, os varejos modernos. Embora, no volume de vendas esses últimos atingiam 43,8% das vendas, contra 56,2% dos outros dois tipos somados.

Esse dado é importante, mesmo com a expansão nos anos posteriores do setor moderno que circula as mercadorias em cadeia, mas existe uma estrutura do comércio para o consumo popular básico que são as brechas e as possibilidades para que os atacadistas tenham crescido e se expandido, em meio a forte concorrência das novas tipologias modernas do varejo.

A dinâmica dos atacadistas entre as ciências sociais aplicadas e a Geografia para Castillo e Frederico (2010), se dá justamente no tratamento da concepção espacial, enquanto as primeiras partem da organização interna para a concepção das dinâmicas externas em toda a circulação tendo em vista a cadeia produtiva, a Geografia analisa com base na concepção do espaço geográfico, pela categoria de circuito espacial produtivo.

Para Santos (2008) os círculos de cooperações dos circuitos produtivos se caracterizam como complementações entre lugares, gerando também fluxos, no caso do setor atacadista, fluxos de produtos, segundo as formas produtivas, a organização do espaço e os impulsos políticos no setor.

Quanto mais se desce na escala dos intermediários, mais diminuem o tamanho das operações e os prazos, e mais aumentam os riscos e as taxas de juros. A dependência, no entanto, é mútua. Os atacadistas não subsistiriam sem serem fornecedores dos pequenos comerciantes, na medida em que estes, sendo constantes devedores e compradores, permitem aos atacadistas um contínuo reabastecimento e uma saída permanente de produtos, que lhes assegurem a mobilidade de seu capital e uma acumulação maior (Xavier, 2009, p. 13).

No Nordeste, segundo as associações nacional e estadual do setor, por empresas, as maiores no Nordeste e de Alagoas, no principal fator de crescimento a arrecadação anual.

#### Quadro 02 – Dez maiores atacadistas do Nordeste em 2021

Ranking	Nome Fantasia	UF da Empresa	Arrecadação 2021
1º	ATAKADÃO ATAKAREJO	BAHIA	2.989.614.935
2º	MASTERBOI	PERNAMBUCO	1.150.569.032
3º	GRUPO ANDRADE	ALAGOAS	969.592.200
4º	DEC DAG	CEARA	917.273.654
5º	GRUPO JORGE BATISTA	PIAUI	883.473.374
6º	KARNE KEIJO	PERNAMBUCO	871.094.586
7º	FRIBAL FRANCHISING	MARANHÃO	868.350.264
8º	NORDECE	PARAÍBA	762.380.777
9º	ASA BRANCA DISTRIBUIDORA	ALAGOAS	762.354.381
10º	COMPARE DISTRIBUIDORA	PERNAMBUCO	722.376.756

Fonte: Acadeal/ABAD (2022)

No geral, são empresas com características de distribuição de produtos de alimentação e higiene pessoal, mas também alimentação animal, equipamentos e material de construção.

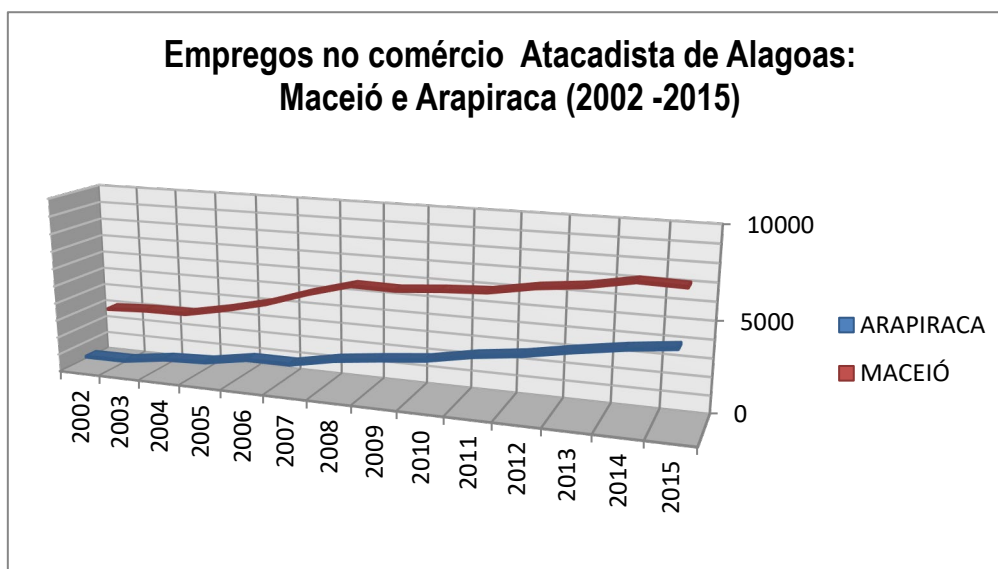
**Quadro 03** – Dez maiores atacadistas de Alagoas em 2021

Ranking	Nome Fantasia	Município da Empresa em AL	Arrecadação 2021
1º	GRUPO ANDRADE AL	Arapiraca	969.592.200
2º	ASA BRANCA DISTRIBUIDORA AL	Arapiraca	762.354.381
3º	DISTAC AL	Maceió	707.279.041
4º	DISTRIBUIDORA SORRISO AL	Arapiraca	236.308.073
5º	VIEIRA DISTRIBUIDOR AL	Arapiraca	224.526.620
6º	UP DISTRIBUIDORA AL	Rio Largo	199.842.594
7º	CUNHA DISTRIBUIDORA AL	Palmeira dos Índios	159.165.831
8º	A M COMERCIAL AL	Maceió	143.152.157
9º	ABREU & SILVA AL	Olho D'agua das Flores	126.592.875
10º	MACEIÓ DISTRIBUIDORA AL	Maceió	123.913.000

Fonte: Acadeal/ABAD (2022)

Em alagoas, por empresas, nota-se um destaque das organizações de maiores arrecadações estão localizadas em Arapiraca, mesmo que como anteriormente destacado, em arrecadação e número de empresas, os números gerais predominem em Maceió, bem como no número de empregados diretos, como se observa no gráfico a seguir.

**Gráfico 02** - Vínculos empregatícios no setor atacadista de Arapiraca e Maceió

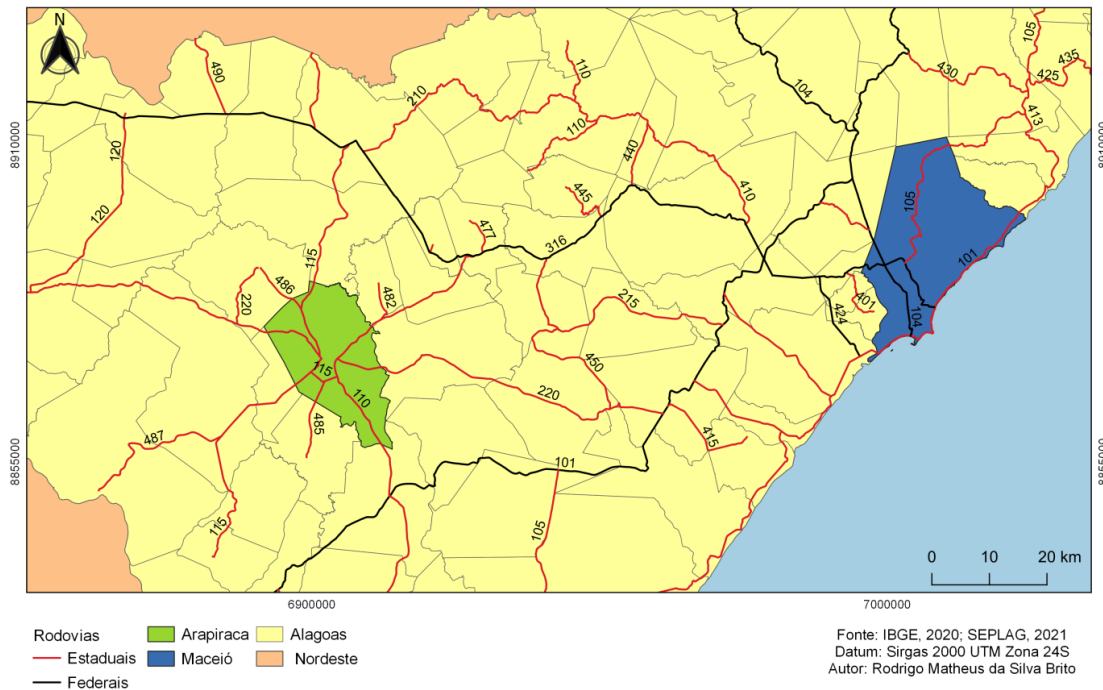


Fonte: MTE/RAIS: 2002 a 2015

Segundo dados da FECOMÉRCIO (2017), os atacadistas distribuidores de Alagoas respondem por 19.443 clientes (varejistas) em todo o estado, se tratando apenas

que se enquadram especificamente como mercados, minimercados e mercearias, empresas (na maior parte, pequenas empresas) que trabalham prioritariamente com gêneros alimentícios e produtos de higiene pessoal (itens componentes da cesta básica) empregando diretamente 27 mil trabalhadores.

**Mapa 02 – Vias de acesso em Alagoas (Maceió e Arapiraca)**



Junto com o comércio e os serviços, os atacadistas respondem por mais de 70% da economia alagoana (ACADEAL, 2015), especificamente 73% do PIB (ACADEAL, 2016). Os municípios de Maceió e Arapiraca concentram praticamente quase todos dos maiores e mais importantes atacadistas de Alagoas, isso em razão das características das maiores formações urbana do Estado como já destacado.

A maior empresa atacadista distribuidora de Alagoas, trata-se da Andrade Distribuidora, a mesma se localiza nas margens da rodovia AL – 220 (em Arapiraca) e tem na logística planejada um de seus grandes trunfos atualmente, tendo em vista que o Grupo Andrade já era composto na verdade por três distribuidoras, além da Andrade (a maior de Alagoas), também compões o grupo a Meta distribuidora (especializada na linha farmacêutica e animal) e a Mafrios distribuidora (na linha de frios).

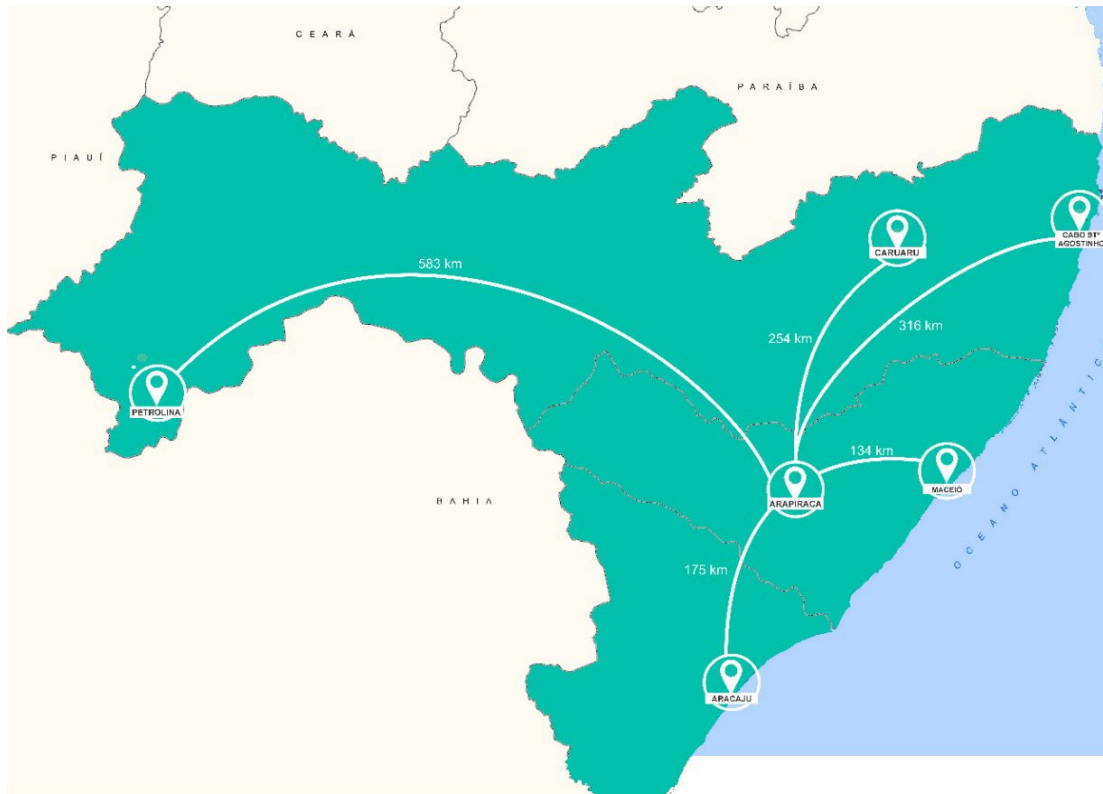
**Figura 01** – Sede administrativa (Grupo Andrade)



Fonte: fusiondms.blog (s/d)

Além da sua instalação fixa em uma localização estratégica para o escoamento dos produtos em Alagoas, o grupo Andrade de fato é muito amplo, se expandindo bastante nos últimos anos para além da principal empresa que é a distribuidora de perfumaria e higiene pessoal. Assim, embora especializada nesse segmento de produtos que domina a distribuição em Alagoas, e assim como a Asa Branca e a Vieira, também tem filiais em Sergipe (diferente das suas concorrentes, o grupo Andrade expandiu para Sergipe com filiais de três distribuidoras do grupo): Andrade, Mafrios e Meta.

**Mapa 03** – Filiais e alcance no Nordeste da Andrade Distribuidora



Fonte: [andradedistribuidor.com.br/logística](http://andradedistribuidor.com.br/logística) (2020)

Entre algumas das principais marcas distribuídas nos fluxos da Andrade Distribuidora em Alagoas, a partir da matriz de Arapiraca, destacam-se: Baruel, Beauty Color, Colgate, Embelleze, Jonhson & Jonhson, Nivea, Unilever e tantas outras.

Já a segunda maior empresa de Alagoas, a distribuidora Asa Branca, do “Grupo Asa Branca” se expandiu em forma de satélite aos negócios da distribuidora. Assim, há duas instalações de atividades de produção e beneficiamento de produtos alimentícios, sendo uma fábrica de doces de menor porte localizado no município de São Sebastião – AL e uma indústria de mais destaque em Arapiraca, a “Hada Alimentos”, esta produz uma variedade de produtos, sobretudo, doces, molhos, presuntos, salames, peixes, carnes salgadas resfriada de bovino, miúdos de suíno, bacon, bacalhau, filé de peixe e etc. produzidos com matéria prima advinda de fora do país e de outras localidades do Brasil, bem como a distribuição destes se dá para Alagoas, Sergipe e Pernambuco.

Com relação a outras extensões, a empresa tem uma filial da Distribuidora Asa Branca em Nossa Senhora do Socorro, em Sergipe, com instalação física inclusive maior que a matriz, embora com menos fluxos (volume de vendas) que a de Arapiraca. Há ainda outra grande distribuidora, instalada em Maceió, a “Maceió Distribuidora” pertencente

ao grupo segundo a ACADEAL (2020). Essa empresa que existe desde 2010 e assim como a Asa Branca já atinge os 102 municípios. A partir de Maceió, trabalha basicamente com três linhas de produtos predominantes: a linha de alimentos, linha Pet Care e a tendência crescente de linha de produtos saudáveis.

A Asa Branca também já era a sétima maior empresa desse ramo no Nordeste, sendo uma que das que vem tendo maior crescimento nos dados estatísticos dos últimos anos. Entre 2015 e 2016, conforme informações esses números aumentaram em estrutura, mão de obra, fornecedores (aumentou bastante a diversidade) e um menor número de clientes, na verdade com o crescimento houveram especializações de agregação de valor, o que trouxe algumas peculiaridades para além de atacadista de distribuidor, havendo também alguma descentralização de distribuição, com a extensão de outra distribuidora no grupo empresarial da Asa Branca.

**Figura 02** – Logística da Asa Branca Distribuidora



Fonte: asabranca.ind.br (2024)

Assim no total é compreendida por uma área de aproximadamente 70.000 m<sup>2</sup>, sendo 16.070,70 m<sup>2</sup> construídos, possui 16 docas para cargas e descargas que facilitam o processo logístico em Alagoas e em Sergipe.

O perfil atual da empresa é o foco em fazer parcerias com grandes marcas de fornecedores, com preferências a contratos de exclusividade de distribuição, posição assumida pelos gerentes e nas descrições das plataformas digitais. Assim, como a maioria dos grandes atacadistas que exercem esse papel graças à capacidade de investimento e o elevado nível de modernização tecnológica e organizacional de suas subdivisões.



Investimento, tecnologia é um diferencial que o médio varejo não consegue exercer e por isso tal dependência dos intermediários, pelo simples fato de não conseguir comprar adiantado a vista e armazenar grandes quantidades. Por outro, lado também é comum o grande atacadista manter um amplo *mix* de produtos para alcançar o maior número de varejistas.

Um grande diferencial da Asa Branca é a inclusão da função importadora no mercado alagoano, assim ganho em competitividade, pois consegue agregar importando produtos da Ásia e da Europa a preços mais baixos que produtos produzidos no Brasil. São importados, peixes (bacalhau), vinhos, especiarias (gengibre, temperos), carnes (salmão e picanha), azeites e etc. esses produtos, vindos da China, do México, da Argentina, da Noruega, entre os países mencionados pelos gerentes da distribuidora.

Uma diferença essencial com a Andrade, enquanto esta última subdivide as diferentes especializações em três empresas de atuações atacadistas, a Asa Branca faz isso em uma única, dentro de uma maior infraestrutura de armazenamento.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Consoante ao crescimento geral dos atacadistas no Brasil e no Nordeste, os atacadistas de Alagoas acompanham o ritmo do setor nacional junto as brechas do consumo social em que o capital internacional e nacional interagem em ciclos de cooperação juntos aos intermediários regionais e os transportes que materializam os circuitos entre as grandes regiões do país. Dessa forma, os produtos e marcas chegam aos dois grandes centros de Alagoas para a gestão dos atacadistas que recebem os produtos industrializados e redistribuem em cada pequeno, médio e grande varejo, dos 102 municípios.

O maior número de empresas e o maior fluxo/arrecadação por obviedade populacional e de renda mais elevada, se concentra na região metropolitana de Alagoas, inclusive com ativa distribuição das de empresas de Arapiraca onde se encontra a maior parte da população do estado, entretanto, as maiores, mais modernas (com maior capacidade de capilaridade de distribuição de mercadorias) por estratégia territorial encontram-se no Agreste de Alagoas. Dessa forma, com o fator da localização conseguem irradiar todo agreste e sertão, dificultando a agregação de valor das empresas de Maceió.

As duas maiores empresas do estado, sediadas e operacionalizadas logisticamente em Arapiraca. A Andrade Distribuidora (Grupo Andrade) e a Asa Branca Distribuidora (Grupo Asa Branca), disputam a hegemonia desde o início da década anterior, com uma mudança recente de ranking entre elas, com agregações mais em outras empresas e outros setores/empreendimentos dentro de ambos os grupos.

Além das duas empresas citadas, junta-se a elas uma outra distribuidora de Arapiraca, a Vieira Distribuidora (quinta no ranking estadual de 2021), as três com filiais do estado de Sergipe e apenas a Andrade conseguiu irradiar para o estado de Pernambuco. O Grupo Asa Branca, por estratégia abriu uma segunda distribuidora dentro de Maceió, a Maceió Distribuidora que já figura entre as dez de maior arrecadação (ranking de 2021).

Uma característica do avanço das duas maiores distribuidoras e Alagoas, apesar da concorrência por distribuição/arrecadação, é o complemento entre elas, pois são especializadas em circuitos de produtos diferenciados, enquanto, a Andrade trabalha com produtos de limpeza, higiene, beleza e perfumaria, a Asa Branca é voltada ao setor alimentício em geral e bebidas, além de agregar fortemente os produtos alimentícios de frios e congelados.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Luiz Sávio de. **A Formação Histórica de Alagoas (I): rotas de acumulação do açúcar**. Maceió: EDUFAL: Imprensa Oficial Graciliano Ramos, 2018.
- ANDRADE, Manuel Correia de. **A terra e o homem no Nordeste: contribuição ao estudo da questão agrária no Nordeste**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- CARVALHO, Cícero Pércles de. **Formação Histórica de Alagoas**. 3. ed. Maceió: EDUFAL, 2015.
- CASTILLO, Ricardo; FREDERICO, Samuel. Espaço geográfico, produção e movimento: uma reflexão sobre o conceito de circuito espacial produtivo. **Sociedade & Natureza**, Uberlândia, 22 (3), p. 461 – 474, dez. 2010.
- CORRÊA, Roberto Lobato. A Vida Urbana em Alagoas: a importância dos meios de transporte na sua evolução. **Geografia: espaço e memória**, (Revista Terra Livre, AGB), Curitiba, n. 10, p. 93-116, [1969] 1994.
- FERRARI, Onorina Fátima. **A Organização espacial do Agreste e do Sertão alagoano: a redefinição dos centros urbanos**. 1985. 162 p. (datilografado). Dissertação (Mestrado em Geografia). Instituto de Geociências. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1985.
- FREYRE, Gilberto. **Nordeste: aspectos da influência da cana sobre a vida e a paisagem do Nordeste do Brasil**. 7. ed. São Paulo: Global, 2004.
- MAMIGONIAN, Armen. O Nordeste e o Sudeste da divisão regional do Brasil. **Geografia Econômica: Anais de Geografia Econômica e Social**, Florianópolis, v. 1, n. 1, abr. 2009, p. 49-70.
- MELO, Mario Lacerda de. **Os Agrestes: estudo dos espaços nordestinos do sistema gado-policultura de uso dos recursos**. Recife: SUDENE (Coordenação de Planejamento Regional), 1980.
- MENEZES, Djacir. **O Outro Nordeste**. 3. ed. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2018.
- SANTOS, Milton. Sociedade e espaço: a formação social como teoria e como método. **Boletim Paulista de Geografia**, (54), 1977, pp. 81-100. Acesso em: <https://publicacoes.agb.org.br/boletim-paulista/article/view/1092>
- XAVIER, Marcos; CASTILLO, Ricardo. A reprodução do atacado distribuidor como um elo entre os dois circuitos da economia urbana no Brasil. **GEOUSP - Espaço e Tempo**, São Paulo, Nº 29, pp. 3 - 17, 2011.
- XAVIER, Marcos Antonio de Moraes. **Os elos entre os circuitos da economia urbana brasileira no atual período: Os atacadistas distribuidores e seu papel intermediador**. Agosto de 2009. [s.n.]. 222 pág. Tese (doutorado) Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Geociências, Campinas-SP, 2009.